A Encíclica *Lumen Fidei* e a fé cristã

The Encyclical *Lumen Fidei* and the christian faith

*Fernando Cardoso Bertoldo**

Recebido: 31/12/2017. Aprovado: 21/03/2018.

Resumo: O tema a ser estudado no presente artigo consiste em analisar alguns aspectos da perspectiva da fé desde a Encíclica *Lumen Fidei*. Este documento reafirma de modo novo a fé em Jesus Cristo como um bem para o homem, bem como um bem para todos considerando as circunstâncias atuais de nossa época, como o pluralismo religioso, a secularização, a laicidade, o sincretismo e a crise das religiões. A questão que se reflete é o que significa ter fé nos dias em que impera o individualismo, especialmente no que diz respeito à vivência da dimensão comunitária da fé. A Encíclica *Lumen Fidei* representa uma luz para os católicos na vivência da sua fé, que é uma decisão que envolve toda a profundidade de sua existência.

Palavras-chave: *Lumen Fidei. Revelação. Jesus Cristo.*

Abstract: The theme to be studied in this paper is to analyze some aspects of the perspective of faith from the encyclical *Lumen Fidei*. This document reaffirms anew the faith in Jesus Christ as a good for man as well as a good for all considering the circumstances of our time, among these, religious pluralism, secularism, secularism, syncretism and the crisis of religions. The question that is reflected is what means to have faith in the days when prevailing individualism especially with regard to the experience of the community dimension of faith. This document is a light for Catholics in living their faith, which is a decision that involves the whole depth of his existence.

Keywords: *Lumen Fidei. Revelation. Jesus Christ.*

* Doutorando em Teologia pela EST, São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia (2017) pela PUCRS, Porto Alegre. Bacharel em Psicologia (2013) pela PUCRS. Bolsista da CAPES.

E-mail: nandobertoldo@hotmail.com

1 Noções sobre a revelação divina e o dom da fé na doutrina católica

1.1 Aspectos sobre a Revelação Divina

O tema da Revelação Divina, objeto da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, é assunto central da fé cristã e conceito-chave da teologia atual na medida em que trata da experiência histórica da manifestação pessoal de Deus, um Deus que se revelou e se manifestou em nossa história por meio de fatos e de palavras.¹ Logo no primeiro capítulo da *Dei Verbum* esta posta a natureza e o objeto da revelação “Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1,9)”.²

De acordo com o Dicionário Bíblico-Teológico,

[...] a experiência bíblica de revelação não é o enriquecimento do saber humano a respeito de profundezas até então inalcançadas e regiões do além, e sim o encontro especial com Deus neste mundo. Nisso o acento está exclusivamente na iniciativa de Deus. Ele mostrou-se e ele se revela quando quer. O encontro com ele decide sobre vida e morte. Pois, com a totalidade da autoridade divina, sua revelação exige o homem para si, e este pode falhar e pode dar certo. A revelação de Deus faz o homem sentir-se ao mesmo tempo sobressaltado e feliz. Para quem se entrega à epifania de Deus, a salvação chegou [...].”³

Importante salientar que o conceito de revelação vem evoluindo no decurso dos séculos e, também, a partir da lógica da linguagem não dispomos de nenhum conceito uniforme de revelação.⁴ O uso técnico de “revelação” até o século XIV é muito escasso.⁵ Não pretendemos neste

¹ ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus Epifania do Amor do Pai: Teologia da Revelação*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 45.

² CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Cidade do Vaticano, 1962-1965. *Dei Verbum*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 121-139.

³ BROX, N. In: BAUER, Joanes B. em colaboração MARBOCK, Johannes e WOSCHITZ, Karl M. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 380.

⁴ WIEDENHOFER, Siegfried. Revelação. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 798.

⁵ LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. [S.l.]: Vozes, 1994. p. 70.

trabalho fazer o itinerário da evolução semântica do conceito de revelação, que é chave na teologia atual, No entanto, devemos salientar que:

*as teologias cristãs do século XX atingiram, por um lado, maior autenticidade em virtude do retorno à tradição global bíblica e eclesial, e, por outro lado, maior relevância com sua abertura para a experiência, o pensamento e o saber da atualidade, fez-se mister não somente propor de maneira nova a questão da revelação, mas também fazer entrar no lugar da compreensão tradicional, relativamente unitária, de revelação, uma pluralidade de teologias da revelação.*⁶

Neste sentido, a ideia de revelação constitui um dos grandes temas da filosofia moderna e por isso é necessário que na teologia católica haja a “impostação anti-iluminismo e, com isso, um conceito de revelação que se desenvolvesse como conceito diretamente contrário a uma razão autônoma”.⁷ Mas esta ideia de revelação foi superada pelo Concílio Vaticano II que abriu as vias para uma nova teologia da revelação com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Esse texto teve a mais longa gestação durante o período conciliar, o que demonstra a importância vital que tem para a Igreja o tema e a experiência histórica da revelação. Para chegarmos ao que é a revelação segundo a Constituição Dogmática *Dei Verbum* faz-se necessário atentar para a descrição da mesma, tal como apresenta o número dois deste documento: o fato e o objeto da revelação, sua natureza, sua economia e seu conteúdo.

No que concerne ao fato e ao objeto, estes consistem em que Deus, em seu desígnio salvífico, quis revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (Cf. *Dei Verbum*, n. 2). Com efeito, a revelação é livre iniciativa de Deus, graça sua, e uma grande demonstração da grandeza do seu amor. Portanto, a natureza da revelação consiste em que Deus quer que o homem se introduza na sociedade de amor que é a Trindade. Quanto à economia da revelação, esta diz respeito à forma com que Deus sai de seu mistério e entra na história, realiza sua obra na história e através da história. O conteúdo da revelação, segundo este documento, está relacionado com Jesus Cristo que nos torna manifesta a verdade sobre Deus e o homem, mediador e plenitude de toda a revelação. Pois a finalidade da revelação é a unidade com Deus e a participação dos homens na sua comunidade de amor.

⁶ WIEDENHOFER, 1993, p. 792.

⁷ WIEDENHOFER, 1993, p. 798.

Finalmente, necessário ressaltar o aspecto antropológico da Revelação Divina. A Constituição assinala, ainda, com muita clareza, que a fé é a resposta que o homem dá à revelação, pois por ela o “homem se entrega inteira e livremente a Deus, oferece-lhe a homenagem total do seu entendimento e vontade, dando livre assentimento ao que Deus revela” (*Dei Verbum*, n. 5). Não se pode conceber a revelação se não se leva em conta a realidade de Deus, que livremente se manifesta e tem o homem como destinatário da revelação que a acolhe na fé. Logo, a revelação de Deus e a fé do homem são correlativas e não se pode compreender uma sem a outra.

À luz do pensamento de Karl Rahner, existe um profundo encontro entre Deus e o ser humano, considerando a pessoa humana como sujeito transcendental livre e aberto à autocomunicação de Deus.⁸ A seguir trataremos de alguns aspectos da resposta do homem à revelação.

1.2 Aspectos sobre a virtude da fé

A fé como virtude teologal ao lado da esperança e da caridade é considerada diante da revelação divina como verdadeira resposta do homem a Deus, segundo a doutrina católica. Ao partirmos da perspectiva da fé desde a Encíclica *Lumen Fidei*, faremos alguns esclarecimentos acerca do conceito de fé no catolicismo para podermos apreciar o modo como é apresentada a fé neste documento. Trataremos primeiro o que se refere às diversas dimensões da fé cristã à luz da Sagrada Escritura, para chegar a compreender a íntima relação com a esperança e a caridade. Trataremos do caráter eclesial da fé e abordaremos o papel da razão no ato de fé. Há toda uma complexidade que ronda igualmente a definição do conceito de fé. No que se refere ao sentido da definição da palavra fé

*O que quer dizer fé? Como no caso de todas as nossas “grandes palavras” (cf. N. Lohfink, *Unsere grossen Worte. Das Alte Testament zu Themen dieser Jahre*, Freiburg, 1977), é difícil encontrar uma palavra adequada para dizê-lo. Segundo Paul Tillich, dificilmente existe na linguagem religiosa palavra mais exposta a equívocos, distorções e definições duvidosas do que a palavra “fé”, que, não obstante, é insubstituível.⁹*

⁸ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 172.

⁹ SECKLER, Max; BERCHTOLD, Christoph. Fé. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 304.

Assim, ficaremos mais naquilo que compõe a fé e menos tratando de definir a mesma. No entanto, pertinente é a resposta dada por Joseph Ratzinger em torno da pergunta acerca do que é ter fé?

*[...] é o ato de o ser humano firmar-se na realidade como um todo, sem que esse ato seja redutível ao conhecimento, por ser incomensurável em relação ao conhecimento; é a atribuição de sentido sem o qual o ser humano como um todo ficaria fora de lugar; é um sentido que é anterior ao calcular e ao agir do ser humano e sem o qual ela nem teria condições de calcular ou de agir; porque ele só pode fazê-lo no lugar onde há um sentido que o sustente [...].*¹⁰

Isto posto, voltemos a identificar alguns elementos do ato de fé. No que tange à dimensão eclesial da fé, verifica-se na natureza humana uma realidade aberta à transcendência, um desejo de infinito. A revelação e a fé, portanto, são fundamentos da existência cristã, são inseparáveis, pois crer em Jesus como “Senhor e Cristo” implica converter-se a uma nova vida e nela permanecer (cf. At 2,38,42.44; 3,19; 8,22; 16,34; 1Ts 1,7-10; Rm 10,4.11; GL3,22); supõe, também, deixar o “homem velho” para se revestir de Cristo e fundamentar na Sua pessoa uma nova vida.¹¹ A fé em Cristo rompe o enigma mais profundo do homem que é a morte, Ele, além de dar sentido e esperança à nossa existência, é modelo perfeito do que deve ser a vida do crente (cf. Hb 12,1-4).

A historicidade da fé é outro aspecto que deve ser apresentado, pois se a fé é essencialmente o encontro entre Deus e o homem, este acontece na história e através da história. Não é simplesmente um fato histórico, pois a fé supõe a transcendência, o absoluto e o definitivo. Portanto a história da salvação supõe a ação de Deus na história e o reconhecimento de sua obra por parte do homem através da fé a da obediência ao plano divino.

O Concílio Vaticano II apresenta a fé como resposta do homem à comunicação divina e compreende por fé o ato pelo qual “o homem se entrega total e livremente a Deus, oferece-lhe ‘o obséquio total de seu entendimento e vontade’ consentindo livremente naquilo que Deus revela” (*Dei Verbum*, n. 5). O entendimento conciliar resume a clássica fórmula de Santo Agostinho *Credere Christum, Christo in Christum* (crer

¹⁰ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 54-55.

¹¹ ARENAS, 2001, p. 131.

em Deus que se revela em Cristo) que resume as diferentes dimensões da fé: a) cognoscitiva, a fé como um ato de conhecer alguma coisa e de uma atitude de abertura permanente ao mistério de Deus; b) fiducial, como um ato que requer confiança por parte do crente, e c) escatológico, pois está dirigida à salvação, à comunhão plena com Deus que é a finalidade pela qual o cristão crê.

Dar um “sim” a Deus é uma atitude pessoal e livre por parte do homem que abrange toda a pessoa humana. Assim, a fé implica uma tendência à amizade com Deus (caridade) e nasce do desejo da vida eterna (esperança).

Outra característica fundamental da fé cristã é seu aspecto eclesial, pois a crença nasce e se propaga numa comunidade eclesial. Ademais, a experiência do homem é também objeto da fé cristã, não se trata de uma experiência isolada, mas está ligada à experiência da Igreja. A eclesialidade corresponde à vivência comunitária da fé.

Finalmente, a fé não é um ato irracional, mas compromete integralmente a existência e faculdades humanas, exige uma resposta total por parte do crente e, por isso, a razão tem um lugar muito importante na decisão de fé. A fé não anula a razão, pelo contrário, exige que o homem justifique perante si mesmo e perante sua razão a decisão de crer. Para o ato de crer é necessário o auxílio da graça, todavia quem crê é o sujeito: a fé é da igreja, mas o ato de crer é do sujeito auxiliado pela graça. Quando se fala de fé e razão, nasce o problema da imanência e da transcendência da fé, objeto de estudo a partir da Idade Média. Sobre a questão da transcendência de Deus, Puntel menciona que:

[...] não há uma transcendência absoluta, mas apenas uma transcendência relativa do Ser absolutamente necessário como absoluto-criador relativamente à dimensão contingente do Ser ter lugar, ou melhor: acontece inteiramente no total autoimanência do Ser absolutamente necessário como absoluto-criador.¹²

Traçadas algumas considerações acerca da virtude teologal da fé na doutrina católica faremos agora uma breve apresentação da Carta Encíclica *Lumen Fidei*.

¹² PUNTEL, Lorenz B. *Ser e Deus: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J.-L. Marion*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011. p. 243.

2 Sobre a carta encíclica *Lumen Fidei*

A encíclica *Lumen Fidei*, do ano de 2013, foi a primeira carta redigida pelo Papa Francisco, no exercício do magistério ordinário, em seu pontificado. Este documento é dirigido aos bispos do mundo inteiro e para todos os fiéis. Este documento trata sobre a fé, mais precisamente a luz que provém da fé.

O tema deste documento segue os temas queridos por Bento XVI. Escreve o Papa Francisco que estas considerações sobre a fé pretendem acrescentar-se ao que escreveu Bento XVI nas cartas encíclicas sobre a caridade e sobre a esperança. O Papa se diz profundamente grato e assume o seu precioso trabalho, acrescentando ao texto alguns contributos ulteriores (Cf. *Lumen Fidei*. n. 7). Por isso é possível dizer que o texto foi escrito com a mão de dois Pontífices.

A encíclica trata do dom da fé, fé esta viva em Deus, na qual Jesus Cristo nos introduz mediante o seu espírito e cujo dom a Igreja não pode conservar só para si. Considera a fé e a vida de graça como um “tesouro” de bem e verdade, que é de todos os homens, porque são chamados a viver em amizade com Deus. Traz nesta linha um elemento básico da tradição cristão, que é a capacidade de ser mais abrangente, mais inclusiva, que é a nota da catolicidade.

O Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, apresentando este documento, assim dispõe:

A fé naquele Deus que nos revela Jesus Cristo é a verdadeira rocha sobre a qual o homem está chamado a edificar a sua vida e a do mundo. Trata-se de um dom que nunca pode ser pressuposto ‘como dado por certo’, mas que deve ser continuamente ‘alimentado e fortalecido’ (n.6) Graças a fé podemos reconhecer que todos os dias nos é oferecido um ‘grande Amor’, um amor que ‘nos transforma, ilumina o caminho do futuro e faz crescer em nós as asas da esperança para o percorrer com alegria’.¹³

A encíclica *Lumen Fidei* se divide em quatro partes: na primeira faz um percurso desde a fé de Abraão, o homem que reconhece na voz de Deus a história da fé do Povo de Israel até a história de Jesus e com

¹³ MÜLLER, Mons. Gerhard Ludwig. *Apresentação da Carta Encíclica Lumen Fidei do Papa Francisco*, 05 de julho de 2013. n. 7. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/muller/rc_con_cfaith_20130705_lumen-fidei_po.html>. Acesso em: 24 nov. 2015.

ele a fé alcança a sua plenitude; na segunda parte, apresenta com vigor a questão da verdade como questão que se situa no “centro da fé”, e ainda que “amor e verdade não se podem separar”; na terceira parte trata de questões relacionadas à transmissão da fé e, na última, discorre a respeito da fé e do bem comum.

A partir do documento os católicos são exortados a redescobrir a “luz que é própria da fé” que nasce do encontro com o “Deus vivo que chama e revela o seu amor”. Este documento foi publicado no Ano da Fé por ocasião dos cinquenta anos de abertura do Concílio Vaticano II e neste sentido consta que o Concílio Vaticano II “[...] fez brilhar a fé no âmbito da experiência humana, percorrendo assim os caminhos do homem contemporâneo. Dessa forma, viu-se como a fé enriquece a existência humana em todas as suas dimensões.” (*Lumen Fidei*, n. 6).

3 A fé na perspectiva da carta encíclica *Lumen Fidei*

Realizadas algumas considerações preliminares sobre a carta *Lumen Fidei*, importante ressaltar que pretendemos direcionar nosso estudo especialmente para a terceira parte deste documento pelo relevo particular que assume na questão da fé, bem como, porque diz respeito à dimensão comunitária da fé objeto do presente trabalho.

3.1 Dimensão comunitária da fé

Dentre os pontos apresentados no documento, destacamos a posição apresentada da fé como um lugar genético, ou seja, se esta é considerada como evento que toca diretamente a pessoa, o eu não se encerra num isolado e isolador do ‘eu’ do fiel e do ‘tu’ Divino. Mas ela “[...] nasce de um encontro que se dá na história” (*Lumen Fidei*, n. 38) e se transmite na forma de contato, de pessoa a pessoa, como uma chama que se ascende de outra chama” (*Lumen Fidei*, n. 37).

Em outras palavras, a fé acontece sempre no âmbito de uma trama de relações que nos precede e excede, num ato que nos exorta a sair da solidão do nosso eu para nos colocarmos num âmbito sempre maior, num diálogo e num caminho constante. Esta vicissitude da fé apresentada neste documento está de acordo com a ortodoxia da Igreja Católica e neste sentido ensina Joseph Ratzinger que:

Fica evidente que a fé não é resultado de uma reflexão solitária em que o eu, refletindo sobre a verdade sozinho e livre de qualquer compromisso, chega a uma conclusão qualquer para o seu próprio uso. Na verdade, a fé é o resultado de um diálogo, que pressupõe a disposição de ouvir, de receber e de responder, que remete o ser humano, pela relação do eu com o tu, ao nós daqueles que participam desta mesma fé.¹⁴

Sendo assim, este traço da fé de que se transmite na forma de contato não abarca inovação quanto ao conteúdo. A relevância está na maneira de comunicar esta realidade de uma forma simples, profunda e que faça sentido na vida dos crentes hoje. O Papa Francisco traz as questões teológicas para a esfera pública de forma muito significativa. Apesar de poder parecer pouco relevante tal colocação, considerando as circunstâncias atuais de nossa época em que a fé parece ser algo impossível¹⁵ num mundo pluralista e individualista, a comunicação da fé de forma signifiicante é essencial. Consideremos, ainda, que o Brasil possui um pluralismo crescente e, por isso, devemos refletir uma nova teologia na busca de um caminho de mútua aproximação na busca de Deus.

Acerca da questão do pluralismo cultural como uma chance de a fé cristã retornar a uma das suas características primitivas que é a catolicidade, Berkenbrock defende que

[...] pode ser entendida como a capacidade de acolher ou abranger o todo. Pluralidade torna-se então não uma contraposição, mas um requisito para a catolicidade. Se falamos, pois, de uma tradição católica dentro do cristianismo, estamos falando da presença de uma capacidade de acolher a diversidade, o pluralismo não ser ver nisto uma contradição, mas sim o que lhe é constitutivo, parte de seu modo de ser no mundo [...].¹⁶

Ademais, outra característica de nosso tempo é o individualismo, e nesse sentido falar da fé como um caminho que requer união com o outro que crê comigo, prescinde de um grande trabalho epistemológico. Devemos, assim, refletir sobre a vivência comunitária da fé (a eclesialidade) e sobre vivência individualizada da fé (a religiosidade) que caminham juntas.

¹⁴ RATZINGER, 2005, p. 67.

¹⁵ RATZINGER, 2005, p. 40.

¹⁶ BERKENBROCK, Volney J. Fé cristã plural: a chance do retorno à catolicidade. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v. 46, p. 81-103, jan./abr. 2014. p. 99.

3.2 A Igreja e a fé

Outro aspecto muito interessante realçado no documento, e que diz respeito ao objeto do presente estudo, trata da Igreja como lugar onde nasce a fé e na qual se torna experiência que se pode comunicar, isto é, testemunhar de forma razoável e, por isso, fiável: “Aquilo que se comunica na Igreja é a luz nova que nasce do encontro com Deus vivo” (*Lumen Fidei*, n. 40). É precisamente este encontro com o Deus vivo que a Igreja torna possível e permite que a fé seja testemunho credível Dele (*Lumen Fidei*, n. 40).

Afirma o documento a impossibilidade do crer sozinho, que a fé verifica-se dentro da comunhão da Igreja, seja através da fé que chega até nós pela memória da Igreja. Pois “É através da Tradição Apostólica, conservada na Igreja com a assistência do Espírito Santo, que temos contato vivo com a memória fundadora” (*Lumen Fidei*, n. 40). Conforme afirma o Concílio Vaticano II, aquilo que foi transmitido pelos Apóstolos “[...] abrange tudo quanto contribui para a vida santa do povo de Deus e para o aumento da sua fé; e, assim, a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredito” (Cf. *Dei Verbum*, n. 8).

Esta transmissão continua, não é meramente doutrinal, mas o que se transmite na sua “Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros” (*Lumen Fidei*, n. 47). Acrescenta que os sacramentos são os meios celebrados na liturgia da Igreja, sobre os quais discorre em seguida no texto e, ainda, que a confissão da fé, a oração e o caminho do Decálogo são elementos essenciais na transmissão fiel da memória da Igreja.

Trata, ainda, a encíclica, da unidade da Igreja no tempo e no espaço, ligada a unidade da fé: “Há um só corpo e um só Espírito [...], uma só fé” (Ef 4,4-5)” (*Lumen Fidei*, n. 47). Apesar de parecer que esta unidade na mesma verdade estaria oposta à liberdade do pensamento e à autonomia do sujeito, na verdade a unidade de visão em um só corpo e num só espírito é também a alegria da fé e, neste sentido, São Leão Magno afirmou que “Se a fé não é uma, não é fè” (*Lumen Fidei*, n. 47).

O Concílio Vaticano II recorda que a Igreja de Cristo é una e única. A oração de Cristo para que todos sejam um (cf. Jo 17,21) é eficaz e, entre

os vários sinais de unidade, há dois que devem ser destacados na vida da Igreja: a Eucaristia e o amor entre os irmãos. Jesus Cristo também quis para a sua Igreja a unidade da fé que nos reúne num só corpo.

Nesta linha, Tillard afirma acerca do serviço da comunhão como parte da unidade que temos “reconocido en la comunión el ser más profundo de la Iglesia de Dios. Iglesia de iglesias, es comunión de comuniones, ligada al Dios que se revela como comunión eterna de las três personas”.¹⁷

De acordo com o Decreto *Unitatis Redintegratio*, todos os batizados são responsáveis pela construção da unidade. Desde o Concílio Vaticano II, quando foi promulgado tal Decreto, a Igreja vem ratificando a importância de compreendermos e praticarmos este princípio da unidade tão desejada por Jesus (*Unitatis Redintegratio*, n. 3).

Por fim, há que se mencionar, ainda que brevemente, a quarta parte da Encíclica, que trata da fé como o bem para o ser humano e também como um bem para todos, um bem comum, mas não aprofundaremos esta questão. A Igreja faz necessariamente parte de uma fé, que tem como sentido a integração na profissão e na adoração comuns. A fé cristã não é uma ideia, mas uma vida.¹⁸ Esta perspectiva apresentada de forma clara e profunda sobre a dimensão comunitária da fé e sobre a Igreja como parte essencial da fé é muito importante, considerando a tendência moderna a viver uma fé individual, “eu e Deus”, prescindindo do auxílio da ‘mãe’ Igreja.

Considerações finais

A Carta Encíclica *Lumen Fidei* pretende reafirmar de modo novo que a fé em Jesus Cristo é um bem para o ser humano e ‘é um bem para todos, é um bem comum’: ‘A sua luz não ilumina só o interior da Igreja, nem serve apenas para construir uma cidade eterna no além; ela ajuda-nos a edificar as nossas sociedade, de modo que caminhemos rumo a um futuro de esperança’ (*Lumen Fidei*, n.51).

Reafirma, igualmente, que a fé não é um fato isolado e individual de cada um, mas um dom que se recebe da Igreja, de sua pregação e de

¹⁷ TILLARD, Jean-Marie Rene. *Iglesia de Iglesias: Ecclesiologia de comunión*. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999. p. 185.

¹⁸ RATZINGER, 2005, p. 71.

sua experiência comunitária. Esta afirmação adquire importância diante do individualismo de nosso tempo observado na análise da situação cultural e teológica (pluralismo, ampliação dos conhecimentos e do ‘endurecimento dos conceitos teológicos’).

A forma com que o Papa Francisco traz as questões teológicas para a esfera pública nos faz recordar o *método antropológico-transcendental* do teólogo Karl Rahner que propõe “praticar em teologia uma *aproximação antropológica*, que fala a partir da auto-experiência do homem e se pergunta como a verdade cristã lhe possa corresponder. [...] que se torna necessário para superar o desvio que agora se criou entre revelação e experiência humana”.¹⁹

No que concerne à Igreja como lugar onde nasce a fé, muito oportuno e necessário sua reapresentação de modo novo neste documento. Diante de uma visível crise das religiões falar hoje em Igreja é bastante controverso, no entanto essencial para a vivência da dimensão comunitária e plena da fé. A teologia não pode se restringir a repetir conceitos, mas deve praticar uma reflexão não só atenta aos enunciados de fé, mas ao ouvinte da palavra na sua subjetividade e existencialidade.²⁰

Finalmente, importante salientar que o desafio em fazer teologia e evangelizar na contemporaneidade não deve ser visto singelamente como um obstáculo intransponível, mas conceber como algo querido por Deus. Evangelizar é dar uma “boa notícia”: levar a pessoa de Jesus Cristo aos demais. O Papa Francisco nos ensina e inspira a transformar este desafio numa oportunidade em transmitir de modo novo a “boa notícia”, diferentemente do que adotar uma atitude apologética de que a verdade está num depósito de dogmas. É levar a conhecer uma pessoa que é Jesus Cristo, sempre conservando uma atitude dialética e de abertura ao diálogo.

Referências

ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus Epifania do Amor do Pai: Teologia da Revelação*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

¹⁹ GIBELLINI, Rosino. *Breve História da Teologia do Século XX*. Aparecida: Editora Santuário, 2010. p. 154-155.

²⁰ GIBELLINI, 200, p. 157.

BERKENBROCK, Volney J. Fé cristã plural: a chance do retorno à catolicidade. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v. 46, p. 81-103, jan./abr. 2014.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BROX, N. In: BAUER, Joanes B. em colaboração MARBOCK, Johannes e WOSCHITZ, Karl M. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2004.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Cidade do Vaticano, 1962-1965. *Dei Verbum*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 121-139.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Cidade do Vaticano, 1962-1965. *Unitatis Redintegratio*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 309-332.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

FRANCISCO. *Carta encíclica Lumen Fidei*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html>. Acesso em: 20 nov. 2015.

GIBELLINI, Rosino. *Breve História da Teologia do Século XX*. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

LACOSTE, Jean-Yves. et al. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. [S.l.]: Vozes, 1994.

MÜLLER, Mons. Gerhard Ludwig. *Apresentação da Carta Encíclica Lumen Fidei do Papa Francisco*, 05 jul. 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/muller/rc_con_cfaith_20130705_lumen-fidei_po.html>. Acesso em: 24 nov. 2015.

PUNTEL, Lorenz B. *Ser e Deus: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, Ê. Lévinas e J.-L. Marion*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 1989.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SECKLER, Max; BERCHTOLD, Christoph. Fé. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

TILLARD, Jean-Marie Rene. *Iglesia de Iglesias*: Eclesiologia de comunión. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999.

WIEDENHOFER, Siegfried. Revelação. In: EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.